Revista Diversidade e Educação

A SEXUALIZAÇÃO DAS MULHERES ATLETAS BRASILEIRAS ATRAVÉS DAS MÍDIAS ESPORTIVAS

LA SEXUALIZACIÓN DE LAS ATLETAS BRASILEÑAS EN LOS MEDIOS DEPORTIVOS

THE SEXUALIZATION OF BRAZILIAN FEMALE ATHLETES IN SPORTS MEDIA

Jade Ariane Medeiros Machado[1]
Ângela Adriane Schmidt Bersch[2]

RESUMO
Ao realizar um apanhado histórico da presença das mulheres no esporte, é possível observar que as oportunidades, os direitos e os acessos não eram os mesmos que os dos homens. Nos dias de hoje, apesar de algumas conquistas, o cenário segue desigual, tendo em vista a falta de patrocínio e o olhar midiático de sexualização para as mulheres atletas. Por isso, esta pesquisa buscou analisar se as mídias esportivas, através de suas imagens, reproduzem um olhar de sexualização para as mulheres atletas brasileiras. Para isso, foram analisadas 75 reportagens nos sites Folha de São Paulo e G1 Esportes através da Análise de Conteúdo de Bardin (2006). Com esta pesquisa, foi possível concluir que a forma que as mídias sexualizam os corpos das mulheres atletas modificou ao longo dos anos, mas que ainda ocorre, o que indica uma diferença na forma de repressão e nas estratégias utilizadas pelas mídias esportivas.
PALAVRAS-CHAVE: Educação física. Olimpíadas. Feminilidade. Objetificação.

RESUMEN
Al realizar un recorrido histórico sobre la presencia de las mujeres en el deporte, es posible observar que las oportunidades, los derechos y los accesos no eran los mismos que los de los hombres. En la actualidad, a pesar de algunos logros, el escenario continúa siendo desigual, considerando la falta de patrocinio y la mirada mediática de sexualización hacia las mujeres deportistas. Por ello, esta investigación buscó analizar si los medios deportivos, a través de sus imágenes, reproducen una mirada de sexualización

[1]Graduada em Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.
[2]Doutora em Educação Ambiental. Docente do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

hacia las mujeres deportistas brasileñas. Para ello, se analizaron 75 reportajes de los sitios web *Folha de São Paulo* y *G1 Esportes* mediante el Análisis de Contenido de Bardin (2006). Con esta investigación, fue posible concluir que la forma en que los medios sexualizan los cuerpos de las mujeres deportistas ha cambiado a lo largo de los años, pero que aún persiste, lo que indica diferencias en las formas de represión y en las estrategias utilizadas por los medios deportivos.
PALABRAS-CLAVE: Educación física. Feminidad. Olimpiadas. Objetificación.

ABSTRACT
When conducting a historical overview of women's presence in sports, it is possible to observe that opportunities, rights, and access were not the same as those granted to men. Nowadays, despite some achievements, inequality still persists, considering the lack of sponsorship and the sexualizing media gaze directed toward female athletes. Therefore, this research sought to analyze whether sports media, through its images, reproduces a sexualizing perspective toward Brazilian female athletes. To this end, 75 reports published on the websites *Folha de São Paulo* and *G1 Esportes* were analyzed through Bardin's (2006) Content Analysis. This research made it possible to conclude that the way the media sexualizes the bodies of female athletes has changed over the years, but still persists, indicating differences in the forms of repression and in the strategies used by sports media.
KEYWORDS: Physical Education. Femininity. Olympics. Objectification.

* * *

Apesar da grande revolução da segunda onda, não estamos livres.
Naomi Wolf

Introdução

Atualmente, é possível observar diversos discursos acerca da importância social e cultural do esporte na vida das pessoas. O esporte, de fato, pode ser muito benéfico em diferentes contextos e de diferentes formas. Entretanto, é necessário questionarmos até que ponto esses benefícios são usufruídos por todos os gêneros, pois, nem sempre as mulheres possuem as mesmas oportunidades e os mesmos incentivos. Sendo assim, até que ponto o esporte serve para a emancipação feminina e até que ponto serve para a reprodução de uma estrutura machista presente na nossa sociedade patriarcal?

Instigada por estas e outras indagações, decidimos abordar nesta pesquisa as questões de gênero das mulheres no esporte, a partir da imagem sexualizada, que muitas vezes é retratada através das mídias esportivas. Para a realização desse estudo, utilizamos como principais bases teóricas as pesquisas realizadas por Janet Fink e Silvana Goellner,

grandes pesquisadoras da área de gênero e esporte, e do livro “O Mito da Beleza” de Naomi Wolf.

Como principal foco de pesquisa, escolhemos estudar as mulheres atletas brasileiras de vôlei de praia nas Olimpíadas. Esse evento foi selecionado por sua grande visibilidade e reconhecimento mundial e a modalidade foi escolhida devido aos frequentes debates nas diferentes mídias sobre os uniformes mínimos utilizados pelas atletas. As mulheres brasileiras, em particular, foram elegidas por já apresentarem uma imagem frequentemente sexualizada para outros países, o que proporciona uma base interessante para fomentar o debate sobre a sexualização que pretendo abordar. Essa pesquisa busca analisar as narrativas das imagens de mulheres de vôlei de praia do Brasil veiculadas nas mídias sobre os Jogos Olímpicos do ano de 2024. Para isso, focaremos em: a) investigar nas imagens publicadas sobre os Jogos Olímpicos de 2024 os padrões, os símbolos e as narrativas de (hiper)sexualização do corpo da mulher atleta de vôlei de praia; b) identificar se as mídias reforçam estereótipos de gênero, entendendo as consequências dessas imagens para a valorização das mulheres no esporte, nos seus desempenhos e no bem-estar das atletas.

A escrita está organizada em seções, de forma que na sequência apresentamos o referencial teórico que subsidia nosso estudo, a seguir as escolhas metodológicas e os resultados do processo analítico, finalizando com considerações possíveis para e até o momento.

Diálogos com a literatura

De acordo com a American Psychological Association (APA)[3], a sexualização acontece quando o valor de uma pessoa é condicionado ao seu comportamento sexual ou à sua atratividade. A sexualização também acontece quando uma pessoa é estereotipada como sexualmente atraente ou recebe sentido sexual em demasia, o que, muitas vezes, causa a associação da sua personalidade ao único aspecto sexual ou ligado à sua sexualidade. Esse processo também diz respeito ao foco do caráter sexual em diversos contextos culturais e sociais. Assim, é possível entender que diferentes mulheres em diferentes contextos sofreram e sofrem, até os dias de hoje, a sexualização, movimento

[3] https://www.apa.org/

que também se refere à cultura do movimento humano. Essa problemática não é diferente no contexto dos esportes, onde mulheres atletas nas mídias são colocadas no papel de objeto sexual (Janet Fink, 2012; Silvana Goellner, 2005; Lucimara Fornari *et al*., 2022; Elaine Romero *et al.*, 2016; Clara Andújar, 2014; Thiago Mildemberg, 2018; Maia, 2022; Fernando Lima; Joanalira Magalhães, 2019; Ana Vimieiro; Tatiane Hilgemberg, 2024).

A participação das mulheres nos esportes se deu de forma lenta e tardia, em comparação aos homens (Jorge Knijnik, 2003; Amanda Pereira; Viviane Gomes, 2026; Maia, 2022). Isso acontece, porque, de acordo com Goellner (2000), no Brasil dos anos 30, as características físicas conquistadas no decorrer da atividade esportiva, proporcionava às mulheres um aumento da massa muscular - atributos considerados viris - que ocasionam a perda da feminilidade do conceito de beleza da época.

> O corpo feminino, observado como algo a ser manipulado, construído, vigiado e modificado passa a ser alvo de diferentes intervenções, dentre as quais a sua exercitação, uma vez que, as práticas corporais e esportivas são identificadas como possibilidades de controle e também como experiências que movimentam e libertam os instintos trazendo-os à flor da pele. Estas práticas, apesar de serem incentivadas, são sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões além daquelas admitidas como "normais" ao organismo e ao comportamento femininos (Goellner, 2000, p. 62).

Dentre os fatos que levaram a falta de incentivo e participação das mulheres no esporte, elencaremos dois: a ideia de masculinização das mulheres (Goellner, 2005; Júlia Backes, 2023) e a necessidade de as mulheres manterem uma imagem de beleza e feminilidade (Wolf, 1992). Em suas discussões sobre o tema, Goellner (2005) destaca que

> Havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, abrandariam os limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (p.144).

À vista disso, a educação física do século XIX realiza certas indicações e gera algumas limitações de atividades físicas voltadas para as mulheres, que visava o fortalecimento do corpo apenas para a gestação e o impedimento dessa masculinização do corpo da mulher, o que acarretou um direcionamento das mulheres para a dança e ginástica, evitando esportes como boxe e futebol, por serem considerados muito violentos para as mulheres (Goellner, 2000).

Além disso, no início do século XX, o incentivo do fortalecimento do corpo da mulher através do exercício físico, se deu, principalmente, através de um discurso em prol

da gestação, a partir da ideia de que uma mulher forte geraria filhos mais fortes. Nesse sentido, o futebol, assim como outros esportes, era tido como inadequado para mulheres, pois, remetia a ideia de violência (Knijnik, 2003). Entretanto, a partir de meados de 70, com a ampliação da participação feminina no esporte, o corpo da mulher deixa de ser associado predominantemente à saúde e à maternidade, passando a ser frequentemente representado sob uma perspectiva erotizada e sensualizada. Assim, sendo objeto de olhar do outro, o corpo erotizado no contexto esportivo cria uma representação da atleta moderna que, mesmo sendo resultado de intensa prática física, carrega em si características que o tornam altamente desejável e sexualizado (Goellner, 2005).

Evento de grande visibilidade midiática, os Jogos Olímpicos fazem parte da nossa sociedade e são um local de representação para as atletas mulheres brasileiras (Fornari *et al.*, 2022; Pereira; Gomes, 2026). Ao pensar no conceito de Olimpíadas, se faz necessário diferenciar os termos "Olimpíada" e "Jogos Olímpicos", que possuem significados distintos, apesar de, muitas vezes, serem usados como sinônimos. O termo "Olimpíada", aborda o período de quatro anos entre as edições dos Jogos Olímpicos, e "Jogos Olímpicos" aborda o evento esportivo como tal, realizado no primeiro ano deste intervalo. O termo "Olimpíada", utilizado no singular, refere-se a uma edição específica, já no plural, "Olimpíadas", refere-se a diversas edições (COI, 2021).

Na sociedade atual, é possível afirmar que os meios de comunicação exercem grande influência sobre outros campos sociais, que estão intrinsecamente ligados à vida humana (Érika Araújo; Mauro Ventura, 2015). Dessa forma, as mídias têm o poder de impactar a percepção da realidade dos sujeitos, pois, ao reproduzir imagens e discursos das diferentes realidades sociais, ela acaba reforçando e retroalimentando o imaginário social (Bruno Gabriel; Miguel Júnior, 2016).

Naomi Wolf, em seu livro “O mito da beleza”, discorre sobre o impacto que as mídias - na época, as revistas - exercem sobre as mulheres e a imagem que elas esperam ter de si, como elucidado no trecho a seguir

> As revistas femininas há mais de um século vêm sendo uma das forças mais atuantes no sentido de alterar os papeis das mulheres, e durante todo esse período — hoje mais do que nunca — elas sempre emprestaram charme àquilo que o sistema econômico, seus anunciantes e, durante a guerra, o governo precisavam naquele momento obter das mulheres (Wolf, 1992, p.83).

Nesse contexto, se faz necessário questionarmos: como as mídias colaboram, ou não, para a reprodução de uma representação social machista e patriarcal das mulheres no

esporte? Como as mídias contribuem, ou não, com os papeis de gêneros e suas consequências para cada um deles? Fink (2012) discorre sobre o assunto em sua pesquisa, afirmando que dificilmente a participação das mulheres nos eventos esportivos é tão televisionada como a dos homens e que, quando isso acontece, o foco dos discursos e das imagens recebe um caráter altamente sexual e acerca do tema de suas características físicas, atributos femininos e não de seu desempenho técnico e esportivo.

Diante deste debate, diversos pontos podem ser destacados a respeito de como as mulheres estão sendo retratadas pelas mídias esportivas. É o caso dos uniformes esportivos, que deveriam priorizar o conforto das atletas para praticarem a modalidade esportiva, porém, nem sempre o fazem, como é o caso que ganhou grande repercussão nas mídias das atletas norueguesas (Maia, 2022). No campeonato Europeu de Handebol de praia, a seleção feminina pediu para usar shorts ao invés de biquínis, afirmando que o uniforme oficial era desconfortável, atrapalhava os movimentos e as hipersexualizava. Porém, a Federação Internacional de Handebol negou o pedido, alegando que seria uma violação às regras. Mesmo assim, as atletas decidiram jogar de shorts e foram multadas em 150 euros. Depois do ocorrido, a Federação de Handebol da Noruega apoiou suas atletas, assumindo a responsabilidade de pagar a multa. Entretanto, mesmo que o caso tenha recebido grande repercussão mundial, a Federação Europeia de Handebol aplicou a multa à equipe. A partir deste episódio é possível observar que as mulheres enfrentam um desafio maior ao praticarem esportes, quando comparadas com os homens e são sexualizadas de diferentes formas (Marcelo Tavares; Frederico Braida, 2022).

A sexualização das mulheres no campo do esporte que acontece através das mídias possui um objetivo específico: o mantimento do poder dos homens na sociedade atual. Quando as mulheres começaram a se mostrarem fortes - fisicamente e psicologicamente - também começaram a se mostrar tão aptas aos papeis ditos masculinos como os homens, assim, ameaçando a posição de poder masculina da sociedade patriarcal, como defende Fink (2012), ao afirmar que o esporte pode ser uma ferramenta poderosa para reafirmar a dominação masculina. Atletas mulheres que demonstram ter força, poder e habilidade atlética superior desafiam essa dominação, pois a crença comum é que as mulheres não são "naturalmente" tão fortes ou talentosas quanto os homens. Elas são vistas como "naturalmente" mais femininas, talvez graciosas, mas, sem dúvida, mais fracas. A excelência física das atletas, portanto, quebra essas percepções ultrapassadas de papéis de gênero e de patriarcado.

A partir disso, pode se observar que o discurso foi alterado para que as mulheres continuassem em uma posição inferior: através da objetificação e da sexualização dessas atletas. Em consonância com o que foi retratado, através da teoria do mito da beleza, Wolf (1992) alega que a busca incessante das mulheres para atingir um padrão estético inalcançável possui um objetivo específico:

> Considerando-se que pode ser mais fácil enfraquecer a mulher ocidental de classe média sob o ponto de vista psicológico agora que estamos mais fortes sob o aspecto material, o mito da beleza, na forma em que ressurgiu na última geração, teve de recorrer a sofisticação tecnológica e fervor reacionário maiores do que anteriormente (p.20).

Essa perspectiva reforça o que as mídias têm retratado e mostrado das mulheres no mundo esportivo: um foco excessivo na sua aparência, na sua estética e no seu corpo. Esses atributos possuem uma importância tão grande, que independente das suas habilidades técnicas, as atletas que ganham mais destaque nas mídias são as que mais se aproximam do padrão estético social e de uma imagem sexualizada. Além disso, muitas vezes, as atletas são representadas pelas mídias como sensíveis e emotivas, remetendo à uma imagem de fragilidade e reforçando desigualdades de gêneros e imagens estereotipadas das mulheres (Fornari *et al.* 2019; Rafael Garcia; Alan Silva; Erik Pereira, 2019; Knijnik, 2003).

Tentando entender o porquê das atletas femininas possuírem a sua imagem focada para a sua sensualidade e feminilidade através das mídias, Fink (2012) nos apresenta a ideia de que esse discurso possui relação direta com a homofobia, pois, ao não performaram feminilidade, as mulheres são ditas lésbicas, e assim, possuem ainda mais as suas habilidades menosprezadas e acabam sendo limitadas em oportunidades e visibilidade no mundo dos esportes (Soraya Januário; Silvana Goellner; Vimieiro, Carolina, 2025; Maia, 2022). Dessa forma, é possível compreender até mesmo a internalização de uma imagem sexualizada pelas próprias atletas, que, temendo serem vistas como lésbicas, acabam adotando essa postura para evitar julgamentos sociais.

Gabriel e Júnior (2016) discorrem sobre a inter-relação do esporte e das mídias em nossa sociedade atual, afirmando que a maioria das pessoas obtém informações acerca do mundo dos esportes através das mídias, o que gera uma relação significativa entre esses dois campos. Assim, o esporte depende das mídias e as mídias dependem do esporte para terem sentido, em uma relação em que os benefícios econômicos são notórios e reforçam sua interdependência. Nesse sentido, as mídias atuam nesse cenário como um dos principais mediadores da imagem esportiva, exercendo grande impacto nas

representações sociais vinculadas às práticas desse contexto e na sua validação. Os eventos esportivos divulgados pelos meios de comunicação possuem maior reconhecimento e acesso em comparação àqueles que não são divulgados por esses canais. Entretanto, é importante destacar que as mídias possuem interesses próprios, controlando, assim, a interação entre o público e o esporte, definindo as modalidades esportivas e o acesso a elas, além de mudarem as narrativas de acordo os seus objetivos (Heidi Ferreira, 2018). Consequentemente, as meninas e as mulheres da nossa sociedade acessam o esporte, principalmente, através destas mídias que, em sua grande maioria, retratam as atletas mulheres como sexualizadas, o que torna necessário perguntarmos que imagens das mulheres no esporte estão sendo acessadas por outras mulheres e como isso constitui a construção do imaginário social.

Esta síntese serve para mostrar como as mulheres atletas sofrem diante de machismo, homofobia e sexismo no mundo dos esportes, questão que ultrapassa somente o campo esportivo e abarca perspectivas sociais, culturais e de gênero. Historicamente e atualmente, as mídias têm tratado os corpos femininos reforçando estereótipos e padrões estéticos, muitas vezes, desvalorizando as habilidades das atletas. Isso reproduz uma imagem de objeto do corpo feminino e limita o esporte como um local com potencial de igualdade e respeito. Entretanto, atualmente, o esporte pode atuar como um local de contestação social, colaborando para a ressignificação das normas sociais acerca do corpo da atleta mulher e possuindo potencial de questionamentos sobre inclusão, participação e visibilidade (Januário; Goellner; Vimieiro, 2025). Por isso, compreender como a imagem das mulheres atletas é sexualizada, através das mídias, nas olimpíadas contribui para um debate acerca da igualdade de gênero e inclusão no esporte. A escolha da análise através das Olimpíadas se dá pela grande visibilidade que este evento mundial possui, possibilitando um local de reforço ou de libertação dos estereótipos de gêneros.

Procedimentos Metodológicos

Na busca de estudar os fenômenos que envolvem as pessoas em suas relações sociais e possíveis ambientes, utilizou-se a abordagem qualitativa (Arilda Godoy, 1995), mais especificamente a qualitativa documental em mídia digital. A autora Godoy explica melhor a pesquisa qualitativa documental

> Como comumente pensamos que o trabalho de pesquisa sempre envolve o contato direto do pesquisador com o grupo de pessoas que será estudado, esquecemos que os documentos constituem uma rica fonte de

> dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental (p. 21).

Sendo assim, a utilização da busca de dados ocorreu em dois importantes meios de comunicação brasileiros com ampla circulação e alcance nacional: a Folha de São Paulo e o Globo Esporte. A escolha desses veículos ocorreu devido à sua expressiva visibilidade na cobertura esportiva e olímpica, pelo acesso facilitado das pesquisadoras para o estudo e também por apresentarem formatos midiáticos distintos, jornalístico e esportivo especializados, possibilitando observar diferentes formas de representação das mulheres atletas nas mídias digitais. Foram coletadas imagens de reportagens publicadas entre junho e setembro de 2024, período próximo à realização e à finalização dos Jogos Olímpicos de Paris de 2024, os quais iniciaram dia 26 de julho de 2024 e finalizaram dia 11 de agosto do mesmo ano. O critério de seleção inclui conteúdos que mencionem diretamente atletas brasileiras e focaram aspectos visuais ou discursivos relacionados ao corpo, vestimenta ou performance esportiva, além disso, foram excluídas do corpus imagens repetidas.

Para a busca no site foram utilizadas as palavras-chave: “olimpíadas” e “vôlei de praia” com o filtro de tempo descrito anteriormente. Sendo assim, no total, foram analisadas 52 reportagens com imagens sobre atletas brasileiras de vôlei de praia nas olímpiadas, no site Globo Esportes, e 51 no site Folha de São Paulo, totalizando 73 reportagens nas duas fontes de busca. Em relação aos homens, foram contabilizadas 9 imagens vinculadas a reportagens sobre os atletas brasileiros no contexto das Olimpíadas no site Globo Esportes e 12 no site Folha de São Paulo, totalizando 21 reportagens nos dois sites. No que se refere às mulheres, foram analisadas 39 imagens de reportagens da Folha de São Paulo e 13 do Globo Esportes, totalizando 52 imagens. Excluíram-se do corpus analítico as imagens duplicadas, as ilustrações sem relevância prática e os materiais desalinhados com os objetivos da pesquisa.

Diante dessa busca, todas as reportagens que continham imagens tanto de homens quanto de mulheres foram organizadas em 4 tabelas no google drive para a posterior análise, sendo duas para mulheres e duas para os homens, uma em cada site utilizado para ambos, como demonstrado na tabela 1. Os dados coletados das reportagens acerca dos homens e das mulheres foram tratados da mesma forma, entretanto, a análise concentrou-se majoritariamente nas mulheres (cerca de 90% do material), considerando o objetivo central do estudo e os limites de extensão do presente estudo. A modalidade escolhida foi

o vôlei de praia, por conta da grande visibilidade das atletas brasileiras nas Olimpíadas e por frequentemente ser um contexto em que a sexualização das mulheres atletas entra em questão. O vôlei de praia é um esporte que inclui uniformes pequenos, o que, historicamente, gerou debates sobre a exploração midiática do corpo das mulheres. Ademais, as atletas brasileiras têm alcançado posições de destaque em competições internacionais, gerando um maior conteúdo a ser estudado. Por fim, também foram analisadas as imagens dos homens atletas de vôlei de praia do Brasil, para obter maior comparação. Reiteramos que foram excluídas imagens repetidas, materiais sem relação com os objetivos do estudo e imagens meramente ilustrativas sem relevância para análise.

Para a análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2006). Este método divide a análise em três passos. Na pré-análise, são definidos os documentos a serem analisados e o que será descartado para uma organização inicial do material. Nessa etapa, foi possível entender quais imagens e reportagens seriam relevantes para responder o problema de pesquisa. A segunda etapa corresponde à exploração do material, por meio da codificação, em que são definidas as unidades de registro e de contexto, possibilitando a sistematização e a compreensão dos dados. Após o segundo passo, ocorre a última etapa que é a categorização, onde acontece o agrupamento das codificações, para então obter a condensação do material e as interpretações do pesquisador (Bardin, 2006).

Durante a pré-análise, foram lidas reportagens de outras modalidades esportivas envolvendo mulheres atletas brasileiras, entre junho e setembro de 2024, para uma aproximação com o contexto dos dados que seriam analisados, o que resultou em análises de escritas de 2 reportagens com temáticas pertinentes para fomentar o debate e sendo assim, o material foi incorporado à análise.

Sobre as questões éticas destacamos que não tivemos contato com as possíveis participantes dessa pesquisa, uma vez que fizemos uso de imagens públicas e publicizadas em ambiente virtual. Entretanto, seguimos os preceitos descritos na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, assegurando o respeito e cuidado fundamentais na pesquisa científica.

Tabela 1: Demonstração da organização dos dados.

Nº	Imagem	Título	Percepções Imagem	Temática	Percepções Reportagem	Temática
1		Duplas de vôlei de praia chegam a Paris e celebram arena na Torre Eiffel: "Linda"	Felicidade; Corpos próximos, se tocando; Imagem da cintura pra cima; Sorriso.	Expressão facial; Emoção/sentimento; Ângulo da câmera; Proximidade dos corpos.	Falam das conquistas das atletas; Ana Patrícia diz que é um sonho e que estão muito felizes.	Emoção/ sentimento.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2025).

Resultados e discussões

Após a análise dos dados produzidos, foi possível categorizá-los em duas categorias: a primeira, que aborda as representações sociais da mulher através do esporte e implica na reprodução de estereótipos de gênero; e a segunda, que trata sobre como as imagens dos corpos das atletas são reproduzidas através das mídias. Das duas categorias emergiram subcategorias, sendo que na denominada “representações sociais da mulher através do esporte” tem como subcategoria: a) expressividade emocional das atletas e b) presença de familiares. A subcategoria “expressividade emocional das atletas” foi elegida pela frequência de imagens que foram analisadas e valorizavam os momentos em que as atletas choravam, sorriam ou demonstravam surpresa. Para mais, a subcategoria “presença de familiares” se justifica pela recorrência de imagens narrativas envolvendo pais, mães, filhos(as) e companheiros(as) das atletas. No que se refere à categoria “representações visuais dos corpos das atletas”, emergiram as subcategorias: a) proximidade entre os corpos e b) enquadramento da câmera da cintura para baixo. As categorias e subcategorias descritas acima contribuem para o entendimento dos padrões, símbolos e construções de gênero atreladas às imagens das mulheres atletas nos meios de comunicação analisados.

Ser mulher está acima de ser atleta: as representações sociais da mulher no esporte

Nesta pesquisa foi possível observar no Globo Esportes e na Folha de São Paulo, que as mulheres possuem mais reportagens e imagens sobre sua vida pessoal divulgadas do que os atletas homens, do total de 52 imagens analisadas das mulheres, 4 haviam presença de familiares e 1 em que a atleta estava grávida; já nas reportagens dos homens, não havia nenhuma imagem relacionada aos familiares de um total de 21 imagens (figura 1). Esse fenômeno foi observado anteriormente por pesquisadoras das questões de gênero, como Janet Fink (1998) que ao estudar a representação das mulheres nas mídias esportivas, através de uma revisão bibliográfica, discorre que apesar da presença feminina ter aumentado, se faz necessário entender de que forma essas mulheres estão sendo narradas. Em consonância com essa concepção, Souza e Knijnik (2007) discorrem:

> Os meios de comunicação, em especial, se preocupam em remarcar a relação do esporte com as vidas pessoais, familiares e profissionais das atletas, destinando o pouco tempo disponível das atletas, para que elas mostrem as glórias de serem mulheres e cumprirem com os papéis de mãe, esposas, amigas e estudantes ou trabalhadoras (p. 39).

Nesse sentido, corroborando com os dados obtidos no presente estudo, a autora Fink (1998) chegou à conclusão de que em muitos momentos as mulheres atletas são associadas com as suas famílias, mesmo sendo abordadas pela sua vida profissional como atleta, demonstrando um enfoque nas suas relações românticos afetivas, trazendo questões como a presença de um namorado, marido ou outro alguém, o que reforça os estereótipos de gênero e os papéis sociais das mulheres. Além disso, estudos como o de Johanna Mühlen e Goellner (2012), ao analisar a participação das mulheres nas olimpíadas, mostraram que o jornalismo esportivo, ao associar as atletas mulheres com seus filhos, contribuem para o mantimento do papel da mulher como mãe e o fortalecimento do ideal de feminilidade da sociedade atual, em que há a necessidade de ser mãe para ser mulher, mesmo que esportista.

Ao trazer uma reflexão crítica em relação ao papel social da mulher da sociedade, Valeska Zanello (2020) elabora sua teoria sobre a prateleira do amor, trazendo o conceito de Foucault de dispositivo. Os dispositivos são entendidos como uma tecnologia de gênero que constituem subjetividades e são resultantes das relações de poder e de saber. Dessa forma, os dispositivos de gênero para as mulheres são o amoroso e o materno, que

adquirem caráter identitário e assim, para serem validadas como mulheres na nossa sociedade, necessitam ter um par romântico e ter filhos. É possível observar essa relação através da análise das reportagens da Folha de São Paulo, em que diversos momentos as atletas são associadas com a maternidade e com seus possíveis pares românticos. Ao observar a figura 1, é possível perceber imagens da atleta Carol com sua mãe, da atleta Carol grávida e outra imagem dela com seu pai. Além disso, uma das imagens mostra a mãe da atleta Duda em um projeto social esportivo.

FIGURA 1: Exemplo de imagens da subcategoria "presença de familiares".



Fonte: Montagem elaborada pelas autoras a partir de imagens da Folha de São Paulo.

Para a produção de dados, foi feito um levantamento inicial de reportagens de atletas mulheres nas olimpíadas. Uma reportagem que se mostrou relevante para a discussão, foi uma intitulada de "*Flávia Saraiva viraliza com perfil no Tinder: 'Nada sério, mas depende'*"[4] publicada através da Folha de São Paulo. A reportagem aborda sua busca por uma relação romântico-afetiva e os internautas que se mostraram interessados nela nessa perspectiva. Um trecho da matéria diz: "Após conquistar a medalha de bronze

[4] Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2024/08/flavia-saraiva-viraliza-com-perfil-no-tinder-nada-serio-mas-depende.shtml.

nas Olimpíadas, Flávia Saraiva agora quer conquistar corações". Esse exemplo reforça e expõe a discussão feita acima acerca do papel social da mulher enquanto par romântico de alguém. Ao associar a atleta à ideia de 'conquistar corações', a reportagem coloca em segundo plano a sua conquista esportiva e corrobora com representações sociais que vinculam o valor feminino à sua capacidade de ser desejada romanticamente. Essa lógica aproxima-se das reflexões de Naomi Wolf acerca da permanência de mecanismos simbólicos que mantêm as mulheres vinculadas à aparência, à feminilidade e à validação social, ao afirmar que: "o que as meninas aprendem cedo não é o desejo pelo outro, mas o desejo de ser desejada (p. 204)".

Além disso, a segunda subcategoria foi denominada "expressividade emocional das atletas", que foi percebida através da quantidade de imagens em que as atletas mulheres estão sorrindo, chorando ou demonstrando surpresa. Para fins quantitativos, não houve diferença marcante entre as imagens analisadas (8 de homens e 16 de mulheres), entretanto, foi possível observar diferença entre quais emoções foram mais registradas pelas mídias esportivas. Em diversos momentos, as imagens das mulheres estão relacionadas com sorrisos intensos, choros e surpresa (figura 3). Em contraste, quando se observa as imagens que são capturadas dos homens durante as partidas, é menor a frequência em que demonstram essas emoções, sendo mais frequente as imagens em que demonstram sua força e virilidade, como é possível observar na figura 4.

Segundo Knijnik (2010), o esporte, historicamente foi entendido como uma prática que envolve racionalidade e objetividade, características socialmente associadas com o gênero masculino e divergente do feminino, o que também causou a exclusão das mulheres no meio esportivo na história. Os achados deste estudo divergem do que Romero e colaboradores encontraram ao analisar imagens de atletas do site O Globo em 2010, pois constataram que houve poucas imagens em momentos que os/as atletas estavam "com um sorriso de satisfação, felicidade ou alegria pelo resultado obtido" (p. 13)". Entretanto, o destaque recebido nas imagens dos sites analisados na nossa pesquisa merece destaque, pois, as emoções, assim como os comportamentos, são aprendidos pela cultura e podem estar associadas com as expectativas relacionadas à cada gênero, reforçando assim, o esporte como um espaço generificado.

FIGURA 3: Exemplos de imagens da categoria “expressividade emocional das atletas”.



Fonte: Montagem elaborada pelas autoras a partir de imagens da Folha de São Paulo.

FIGURA 4: Exemplos de imagens registradas acerca dos atletas homens nos Jogos Olímpicos Paris 2024.



Fonte: Montagem elaborada pela autora a partir de imagens da Folha de São Paulo e do Globo Esportes.

Outrossim, uma reportagem que se mostrou importante para a discussão, foi a intitulada “*Rebeca Andrade e Flavia Saraiva têm a mesma cabeleireira; conheça Márcia Vieira*”[5], em que a Folha de São Paulo relata a cabeleireira que as duas atletas frequentam,

[5] Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2024/08/rebeca-andrade-e-flavia-saraiva-tem-a-mesma-cabeleireira-conheca-marcia-vieira.shtml

em que são discorridos os sentimentos das atletas sobre os seus cabelos, como elucidado no trecho

> Ela diz [a cabelereira] que a medalhista de bronze por equipes é uma camaleoa. "A Flávia quer mudar toda hora. E olha que ela tem pouco cabelo e aí eu não deixo mesmo. Explico que pode danificar, que não vai ficar bom, e aí ela sossega (risos)".

O fato de haver uma reportagem falando especificamente de uma rotina de beleza das atletas corrobora com o que Wolf (1992) defende em seu livro, falando que a pressão para as mulheres se encaixarem no padrão de beleza é uma nova forma de opressão, principalmente após as mulheres conquistarem os direitos de trabalhar, estudar, e agora de competir nas olimpíadas. Nesse sentido, a autora argumenta que a valorização social da beleza feminina atua como uma forma de regulação e controle sobre as mulheres, mesmo em contextos nos quais elas conquistam maior visibilidade e reconhecimento social.

Dessa forma, a cobrança pela aparência ideal funciona como uma nova forma de vigilância, em que as mulheres possuem um trabalho a mais, o de se preocupar e investir tempo em questões relacionadas à sua estética. Ao analisarmos as reportagens em relação aos homens, não foi possível encontrar nenhuma com essa temática, o que corrobora com a ideia de Wolf (1992), ao demonstrar que as representações sociais acerca dos homens tendem a valorizar mais o desempenho técnico, enquanto que para as mulheres, com maior frequência, foi possível observar debates relacionados à sua aparência.

Por fim, é possível perceber que o imperativo da imagem social e das exigências sociais de mulher são preponderantes ao de ser atleta e isso pode, inclusive, afetar os seus desempenhos, tendo em vista a importância do emocional para o alto rendimento. Diante disso, cabe ressaltar que as emoções não são algo natural de cada pessoa, são também construções sociais. As emoções vividas e expressas pelo corpo são aprendidas culturalmente, através dos símbolos e dos grupos sociais.

> Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente em nós, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros. Eles inscrevem-se no rosto, no corpo, nos gestos, nas posturas, etc. O amor, a amizade, o sofrimento, a humilhação, a alegria, a raiva, etc. não são realidades em si, indiferentemente transponíveis de um grupo social a outro. As condições de seu surgimento e a maneira como são simbolizados aos outros implica uma mediação significante (David Le Breton, 2006, p. 52).

Nesse sentido, de acordo com as análises feitas acerca da primeira categoria, foi possível perceber que a forma que as mídias esportivas retratam as atletas e os momentos específicos em que as imagens são tiradas reforçaram a lógica de que mulheres são sensíveis, frágeis e emotivas, o que perpetua os estereótipos e as assimetrias de gêneros e contribuem para o enfraquecimento do reconhecimento da força feminina, tanto no âmbito emocional quanto no físico.

Representações visuais do corpo das atletas

Nessa categoria, serão abordadas as questões relacionadas às imagens dos corpos das atletas e como isso afeta a compreensão social do que é ser atleta no Brasil. Ao longo das análises, foram definidas duas subcategorias, a "proximidade corporal" e a "enquadramento abaixo da cintura", que possibilitaram discussões que estão relacionadas com os objetivos da nossa pesquisa. Para a discussão da subcategoria "proximidade corporal" foram consideradas imagens em que os/as atletas estão abraçados/as entre si ou com familiares, o que será abordado posteriormente. Em relação à subcategoria "enquadramento abaixo da cintura", foram consideradas imagens de corpo todo ou não, em que os/as atletas são registrados significadamente abaixo da cintura. Diante disso, se faz importante iniciar a discussão pontuando que atualmente, as atletas podem escolher entre usar shorts ou biquíni como uniforme de acordo com a atualização das regras da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) em 2012, o que nem sempre foi possível.

Tal acontecimento dialoga com os achados da nossa pesquisa, pois, interfere diretamente na percepção visual do público em relação às atletas. Na nossa análise, foram contabilizadas 21 imagens em que as mulheres foram registradas com o enquadramento da cintura para baixo, sendo 11 em que estavam de shorts e as outras 10 estavam utilizando o uniforme de biquíni. Em relação aos homens, foram contabilizadas 10 imagens em que receberam o enquadramento descrito acima, de um total de 21 imagens. Dessa forma, mesmo que a quantidade de fotos de corpo inteiro seja equivalente à dos homens, quando as mulheres estão utilizando biquíni e são registradas de corpo inteiro, as fotos contribuem para a sexualização de seus corpos, pela maior exposição corporal produzida por esse tipo de composição imagética, como exemplificado visualmente na figura 5.

FIGURA 5: Exemplos de imagens da subcategoria “enquadramento da cintura para baixo".



Fonte: Montagem elaborada pela autora a partir de imagens da Folha de São Paulo e Globo Esportes.

A autora Fink (1998) constatou que as reportagens esportivas de homens, em termos de tempo e espaço, tomavam maior parte dos meios de comunicação social, quando uma pequena parte era dedicada às mulheres. Assim como Michael Messner e colaboradores (2003), ao analisar as reportagens de dois canais televisivos esportivos dos Estados Unidos, constataram que o tempo dedicado a reportagens esportivas femininas foi consideravelmente menor do que o tempo dedicado às reportagens masculinas. Entretanto, nos dois canais estudados neste trabalho, o Globo Esportes e a Folha de São Paulo, foi possível observar uma dedicação, em quantidade, maior para as mulheres, pois, durante o espaço temporal em que foi realizada a pesquisa, foi possível contabilizar 36 reportagens – somente foram contabilizadas as que possuíam imagens – de mulheres nos dois sites e 27 reportagens de homens também que continham imagens no total dos dois sites analisados. Porém, além de analisar a quantidade de reportagens esportivas dedicadas às mulheres, se faz necessário analisar a qualidade destas.

Analisando as imagens selecionadas para essa pesquisa, não foi possível observar uma sexualização tão acentuada dos corpos das atletas durante as partidas de vôlei de praia, como já foi relatado por outras pesquisas, em que os corpos das mulheres eram sexualizados de forma explícita pelas mídias esportivas. Na literatura estudada, as mídias apresentavam as mulheres de biquíni, com ângulo de câmera focado propositalmente nos

glúteos e seios, além de utilizar legendas e manchetes com conotação sexual (Araújo; Ventura, 2023; Backes, 2023; Fink, 2012; Fornari *et al.* 2019; Romero *et al.*, 2016).

Entretanto, ao observar as imagens das reportagens, nos dois sites, foi possível observar um foco para os momentos que as duas atletas estão abraçadas e juntas – o que resultou na subcategoria descrita anteriormente, mostrando um foco na relação interpessoal delas, para além do profissionalismo (observar figura 6). Em 2003, Messner e colaboradores, ao analisar reportagens esportivas da televisão em que as atletas eram sexualizadas de forma mais explícita, com cenas de biquini em câmera lenta e comentários utilizando termos como *wrestling porn*. Nos sites Globo Esportes e Folha de São Paulo não foram observados comentários ou reportagens nesse sentido, entretanto, através da análise de imagens, foi possível observar um foco maior nas atletas que estavam de biquíni, o foco na exibição do seu corpo do joelho para cima e da cintura para cima e um foco nos seus momentos mais emotivas, chorando ou rindo com intensidade. De acordo com os nossos resultados, entendemos que apesar das mídias terem mudado a sua estratégia, ainda é possível observar uma sexualização e objetificação dos corpos femininos, porém, de forma mais sutil e velada.

Tal achado se relaciona com o que as autoras Janet Fink e Linda Kensicki (2009) dissertam sobre a subrepresentação das mulheres nos esportes, pois, mesmo que tenham visibilidade, a maneira como são representadas podem prejudicar as atletas, reforçando ainda mais a hegemonia ideológica da superioridade masculina.

Figura 6: Ana Patrícia e Duda comemorando a vitória.



Fonte: Folha de São Paulo.

Ainda assim, a questão dos uniformes merece destaque e reflexão, pois, desde 1999 foi padronizado o uso de biquíni como uniforme obrigatório para as atletas de vôlei de praia (Fink, 2012). Apenas em 2012, a Federação Internacional de Vôlei passou a permitir o uso de short e top como nova opção (FIVB, 2025). Sendo assim, as atletas que

ganharam destaque porque conquistaram a medalha de ouro – e receberam maior atenção das mídias – optaram por utilizar o uniforme de short e biquini. Diante disso, se faz necessário a reflexão de como isso pode ter impactado a forma que as mídias as retrataram, diminuindo a possível sexualização, pois, quando o corpo é mais exposto, isso colabora para uma imagem sexualizada da atleta diante das mídias esportivas.

Ao invés de focar nas questões relacionadas ao esporte, tal qual acontece no universo masculino, acabam reforçando estereótipos estéticos e concepções relacionados a sexualidade e gênero que deturpa o propósito da modalidade esportiva ou ainda do objetivo da mulher no mundo esportivo, como retratado por Goellner (2005)

> Assim, estádios, ginásios, academias, parques e praças são identificados como locais sociais a espetacularizar os corpos das mulheres ressaltando alguns atributos designados como característicos de seu sexo: a graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade. Objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável (Goellner, 2005, p. 147).

Dessa forma, ocorre o que é possível chamar de espetacularização do corpo feminino, em que as imagens utilizadas pelas mídias servem de atrativo para os espectadores e uma forma de reter a atenção do público, o que acarreta a valorização dos atributos físicos e estéticos ao invés da qualidade técnica das atletas.

Por fim, ainda que os dados não indiquem diferença significativa na frequência de imagens envolvendo atletas com biquíni ou shorts, a discussão acerca dos uniformes permanece relevante, especialmente ao considerar os modos pelos quais determinados enquadramentos podem produzir maior exposição corporal nas imagens femininas. Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre como as mídias esportivas representam as atletas e quais significados são atribuídos ao corpo feminino no contexto do vôlei de praia.

Considerações Finais

No intuito de encerrar a escrita, mas tendo a clareza que não iremos finalizar a discussão, retomamos o objetivo da pesquisa que é compreender e analisar como as imagens das atletas do vôlei de praia no Brasil são retratadas pelas mídias esportivas, buscando identificar se elas são sexualizadas ou hiper sexualizadas através das imagens. Após a construção dessa pesquisa, foi possível observar que as mídias mudaram as suas

estratégias de representações. Se um dia as mulheres eram tratadas explicitamente como objetos sexuais, apareciam em reportagens com biquínis e poses sensuais, além de receberem trocadilhos com conotação sexual, hoje em dia isso tem diminuído.

Em suma, a presente pesquisa corrobora as discussões de estudos anteriores a respeito da sub-representação e da qualidade da visibilidade das mulheres no ambiente esportivo. Os achados demonstram que, mesmo quando o volume de cobertura ou a quantidade de imagens de corpo inteiro se equivalem entre os gêneros, as especificidades das composições visuais operam de modo a fragilizar a imagem das atletas de vôlei de praia. No recorte empírico analisado, observou-se um número expressivo de imagens que focalizam as/os atletas da cintura para baixo, totalizando 21 registros de mulheres e 10 de homens. No caso feminino, esses enquadramentos incidem sobre corpos vestidos tanto com shorts quanto com biquíni, sendo este último um uniforme que expõe uma maior superfície corporal. Dessa forma, a recorrência desse tipo de enquadramento contribui para direcionar o olhar do público para determinadas partes do corpo das atletas, favorecendo processos de sexualização que reforçam representações de gênero historicamente associadas à objetificação das mulheres no esporte.

Entretanto, não é possível afirmar que as assimetrias de gênero desapareceram das mídias esportivas e sim, que elas se modificaram com o passar do tempo. Ainda é possível observar uma sexualização do corpo das atletas de vôlei de praia, porém, essa sexualização está mais velada e sutil. Além disso, em diversos momentos, as imagens das atletas foram representadas através de momentos de muito choro ou muita risada e em associação com familiares e maternidade, o que reforça os estereótipos de gênero, colocando as mulheres em uma posição de fragilidade, mesmo quando são campeãs olímpicas.

Portanto, conclui-se que a discussão sobre as vestimentas esportivas transcende a mera frequência estatística de shorts ou biquínis, residindo fundamentalmente nos modos de produção e enquadramento dessas imagens pelas mídias e instituições. A insistência em recortes visuais que sexualizam as atletas em momentos de performance ou descanso reitera a necessidade de uma reflexão contínua sobre os significados atribuídos ao corpo da mulher no esporte, e aqui especificamente no vôlei de praia. Desafiar essas dinâmicas de representação mediática é um passo indispensável para que o reconhecimento das esportistas esteja pautado estritamente em suas habilidades, conquistas e excelência atlética, e não na mercantilização estética de seus corpos.

Diante disso, o que fica é a provocação e o questionamento sobre que imagem estamos criando das mulheres no meio esportivo? É preciso refletir sobre o fato de que elas ao alcançarem posições de poder, seguem sendo diminuídas de alguma forma. O intuito com essa pesquisa é o de promover a reflexão sobre as atuais formas de repressão do machismo e de promover a esperança de que continuemos caminhando para a construção do esporte como um lugar de empoderamento e libertação e não apenas mais uma local para a reprodução dos estereótipos de gênero.

Referências

ANDÚJAR, Clara Sainz de Baranda. Las mujeres en la prensa deportiva: dos perfiles. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, Murcia, v. 14, n.1, 2014.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Report of the APA Task Force on the Sexualization of Girls: Summary Report. Washington, D.C.: APA, 2007. Disponível em: https://www.apa.org/pi/women/programs/girls/report-summary.pdf. Acesso em: 01 nov. 2024.

Ao vivo: Brasil perde para EUA por 3 x 2 e disputará bronze no vôlei feminino. Folha de São Paulo, 09/08/2024. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/esporte/2024/08/01/6377-olimpiadas-2024-ao-vivo.shtml#post442361>. Acesso em: 15/02/2025.

ARAÚJO, Érika Alfaro; VENTURA, Mauro Souza. Futebol de mulheres e jornalismo esportivo brasileiro em uma análise sobre a midiatização do esporte. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, v. 10, n. 20, p. raeic102015-raeic102015, 2023.

BACKES, Júlia Fernanda Lemos. Mídia e os protestos contra a sexualização nas olimpíadas 2020. 2023; *Fédération internationale d'Education physique*. Volume: 93; Issue: I. Disponível em: <https://ojs.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/6678/54616148>. Acesso em: 02 nov. 2024.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BOMBANA, Lucas. 'Podemos usar o que a gente quiser': Duda enaltece shorts e top na conquista do ouro olímpico. Folha de São de Paulo, 14/08/2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/08/podemos-usar-o-que-a-gente-quiser-duda-enaltece-shorts-e-top-na-conquista-do-ouro-olimpico.shtml>. Acesso em: 14/02/2025.

Com definições dos grupos, André e George avançam para as oitavas de final do vôlei de praia. Globo Esportes, 03/08/2024. Disponível em:

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/03/com-definicoes-dos-grupos-andre-e-george-avancam-para-as-oitavas-de-final-do-volei-de-praia.ghtml>. Acesso em: 12/02/2025.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Carta Olímpica*. Lausanne: Comitê Olímpico Internacional, 2021. Disponível em: https://www.olympics.com. Acesso em: 14 jan. 2025.

CURRO, Luís. *Duda brilha com sete defesas no set decisivo do ouro do vôlei de praia em Paris*. Folha de São Paulo, 09/08/2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/08/duda-brilha-com-sete-defesas-no-set-decisivo-do-ouro-do-volei-de-praia-em-paris.shtml>. Acesso em: 11/02/2025.

FERREIRA, Heidi Jancer *et al.*. Mídia e esporte: representações sobre treinadores em um jornal impresso. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, n. 4, p. 397–403, out. 2018.

FINK, Janet S. Homophobia and the marketing of female athletes and women's sport. In G. B. Cunningham (Ed.), *Sexual orientation and gender identity in sport: Essays from activists, coaches, and scholars* (pp. 49-60). College Station, TX: Center for Sport Management Research and Education. 2012.

FINK, Janet S. Female athletes and the media: Strides and stalemates. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, v. 69, n. 6, p. 37-40, 1998.

FINK, Janet S.; KENSICKI, Linda Jean. An imperceptible difference: Visual and textual constructions of femininity in Sports Illustrated and Sports Illustrated for Women. Mass Communication & Society, v. 5, n. 3, p. 317-339, 2009.

Federação Internacional de Voleibol (FIVB) – Manual (2025 - 2028) https://www.fivb.com/wp-content/uploads/2025/02/FIVB-BeachVolleyball_Rules2025_2028-EN-v01.pdf Acesso em: 04.08.2025

FORNARI, Lucimara Fabiana *et al.*. Perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 28: e20180170. 2019.

GABRIEL, Bruno José; JÚNIOR, Miguel Archanjo de Freitas. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da "Germany World Cup". *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo. 2016.

GARCIA, Rafael Marques; SILVA, Alan Camargo; Pereira, Erik Giusepp Barbosa. Retratações de gênero nos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Gênero*, Niterói, v.20, n.1| p.194-211, 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas,** v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. *Movimento*, v. 6, n. 13, p. 61–70, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11785>. Acesso em: 20 out. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005.

Imagens da atleta Carol Solberg. Folha de São Paulo, 03/08/2024. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1806385078647211-imagens-da-atleta-carol-solberg#foto-1806385079663104>. Acesso em: 10/02/2025.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto; GOELLNER, Silvana Vilodre; VIMIEIRO, Ana Carolina. (In) visibilidades e Dissidências no Esporte: Representações de Gênero em Jogo. Revista Estudos Feministas, v. 33, n. 2, p. e105353, 2025.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. *A mulher brasileira e o esporte:* seu corpo, sua história. Editora Mackenzie, São Paulo, 2003.

LIMA, Fernando Godinho; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Mulheres no esporte: O começo do portal ESPNW no Brasil. Revista Didática Sistêmica, v. 21, n. 1, p. 66-84, 2019.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 24, p. 157–172, 2005.

MAIA, Gabriella Mildenberger. Entre panos e tramas: a hiperssexualização no esporte e os dizeres sobre o corpo da mulher no discurso jornalístico. Dissertação (mestrado em letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: Profª Drª Célia Bassuma Fernandes. Guarapuava, 2022.

MARIANTE, José Henrique. *Duda explica Ana Patrícia, e Ana Patrícia, Duda*. Folha de São Paulo, 08/08/2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/08/duda-explica-ana-patricia-e-ana-patricia-duda.shtml>. Acesso em: 10/02/2025.

MERGUIZO, Marcel. *Duplas de vôlei de praia chegam a Paris e celebram arena na Torre Eiffel: "Linda"*. Globo Esportes, 21/07/2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/pi/olimpiadas/noticia/2024/07/21/duplas-de-volei-de-praia-chegam-a-paris-e-celebram-arena-na-torre-eiffel-linda.ghtml>. Acesso em: 10/02/2025.

MESSNER, Michael A.; DUNCAN, Margaret Carlisle; COOKY, Cheryl. Silence, sports bras, and wrestling porn: Women in televised sports news and highlights shows. *Journal of sport and social issues*, v. 27, n. 1, p. 38-51, 2003.

MILDEMBERG, Thiago José Fantin. *Voleibol de praia: a objetificação da mulher pela televisão*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 34, p. 165-184, 2012.

OLIVEIRA, José Paulo Silva de; MACEDO, Christiane Garcia; NETO, Alvaro Rego Millen. Autoapresentação corporal de lutadores de artes marciais mistas (MMA) no Instagram. *Movimento*, v. 27, p. e27019, 2021.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H. L.; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. *Revista brasileira Ciência & Movimento*. 2008; 16(2): 117-125.

OLIVEIRA, Letícia. *Vôlei de praia: regras, origem, atletas do Brasil e curiosidades*. Globo Esportes, 25/07/2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/guia/2024/07/25/c-volei-de-praia-regras-origem-atletas-do-brasil-e-curiosidades.ghtml>. Acesso em: 12.02.2025.

Ouro de Ana Patrícia e Duda faz Brasil passar 5 europeus no quadro de medalhas. Folha de São Paulo, 09/08/2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/08/ouro-de-ana-patricia-e-duda-faz-brasil-passar-5-europeus-no-quadro-de-medalhas.shtml>. Acesso em: 14/02/2025.

PEREIRA, Amanda Vithória Alves; GOMES, Vivianne Oliveira. Desigualdades de gênero na mídia: discursos sobre uniformes femininos nos Jogos Olímpicos. Revista Brasileira de Iniciação Científica, p. e026002-e026002, 2026.

ROMERO, Elaine. *et. al*. Mujeres en la prensa deportiva brasileña: imágenes y palabras. *Estudios Sociológicos de El Colegio de México*, Ciudad de México, v. 34, n. 100, 2016.

SANTOS, Paula Fernanda Savitras dos; KURPEL, Denise de Fátima. Objetificação do corpo da mulher: o ser-em-si e o objeto, um estudo de representações sociais. *Anais V Desfazendo Gênero...* Campina Grande: Realize Editora, 2021.

SOARES, Samara Souza Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. *Psicologia USP*, v. 32, p. e200066, 2021.

TAVARES, Marcelo Ribeiro; BRAIDA, Frederico. Penalização, protesto e imposição: a discussão de três casos emblemáticos de uniformes esportivos femininos e suas repercussões na mídia. In: COSTA, Edwaldo; FELIZ, Juliana da Costa. (Orgs.). *Comunicação e cultura: processos contemporâneos 2*. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022b, p. 82-96.

Três ouros e a superação de muitas barreiras. Folha de São Paulo, 12/08/2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/cecilia-machado/2024/08/tres-ouros-e-a-superacao-de-muitas-barreiras.shtml>. Acesso em: 12/02/2025.

VIANA, Ana Carolina; SANTOS, Cristiane; EZECHIELLO, Rafaela. A hipersexualização da mulher negra. *Materializando conhecimentos.* Volume 9. Outubro de 2019.

VIMIEIRO, Ana Carolina; HILGEMBERG, Tatiane. O primeiro de muitos dossiês sobre esporte e gênero na Comunicação. **Dispositiva**, v. 13, n. 23, p. 1-9, 2024.

Vôlei de praia nas Olimpíadas 2024 em 4/8: onde assistir e horário. Globo Esportes, 04/08/2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/04/volei-de-praia-nas-olimpiadas-2024-em-48-onde-assistir-e-horario.ghtml>. Acesso em: 12.02.2025.

Vôlei de praia feminino: Brasil x Japão. Folha de São Paulo, 28/07/2024. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1805825739241698-volei-de-praia-feminino-brasil-x-japao#foto-1805825739279481>. Acesso em: 12/02/2025.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.* Editora Appris, 2020.

ZANELLO, Valeska. *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações.* Editora Appris, 2023.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza:* como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Revista Diversidade e Educação

Recebido em setembro de 20265

Aprovado em junho de 2026.